

(INTER)TEXTUALIDADES E NARRATIVA

Ana Paula Arnaut¹

Ana Teresa Peixinho²

Num tempo em que a evolução tecnológica permitiu à deriva da escrita e a aproximação ao ideal de textualidade barthesiano, a metáfora da fabricação têxtil, que subjaz à etimologia da palavra ‘texto’, é hoje uma evidência:

Neste texto ideal, abundam as redes que atuam entre si sem que nenhuma possa impor-se às demais; este texto é uma galáxia de significantes e não uma estrutura de significados; não tem princípio, mas antes diversas vias de acesso, sem que nenhuma delas possa qualificar-se de principal; os códigos que mobiliza estendem-se até onde a vista possa alcançar; são indetermináveis...; os sistemas de significados podem impor-se a este texto absolutamente plural, mas o seu número nunca é limitado, já que se baseia na pluralidade da linguagem (BARTHES, 1970, p. 11-12).

Longe de o imaginar (ou talvez não), Barthes antevê, deste modo, um ideal de textualidade em que o enunciado esbate os seus limites, convida a múltiplos percursos de leitura, alimenta-se de uma pluralidade desafiante de linguagens, compõe-se polifonicamente de outros discursos, para recorrermos a um termo de Mikhail Bahktin (1984), transformando-se, em suma, no que Julia

¹Doutora em Literatura Portuguesa pela Universidade de Coimbra – Portugal. Professora da Universidade de Coimbra – Portugal. Ciência Vitae: <https://www.cienciavitae.pt/portal/7B15-C963-70A5>. E-mail: arnaut@fl.uc.pt.

²Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de Coimbra – Portugal. Professora da Universidade de Coimbra – Portugal. Ciência Vitae: <https://www.cienciavitae.pt/portal/BA1F-98B6-867D>. E-mail: ana.cristo@fl.uc.pt.

Kristeva designa como “mosaico de citações” (KRISTEVA, 1969, p. 146). Escrever é sempre, pois, reescrever, como o disse Antoine Compagnon (1996, p. 31).

Ora, a grande revolução provocada pelo advento da Internet no universo da textualidade consistiu, essencialmente, em tornar essas malhas textuais mais visíveis, dinamizando-as e potenciando a multimedialidade. Imerso em múltiplos textos que não têm um único eixo estruturante, o leitor navega nesta rede, deslocando constantemente o centro e o princípio organizador de uma ativa experiência de leitura, não se restringindo a uma organização prévia fechada ou a uma hierarquia definida. “Com efeito – explica José Afonso Furtado – o hipertexto ao criar um leitor ativo, por vezes intruso, aproxima o leitor do autor” (FURTADO, 2000, p. 327). Assim, o hipertexto é o exemplo acabado do que Bakhtin classifica como texto polifónico: não há uma voz autoritária que se sobrepõe às outras, as vozes dos discursos vão-se alternando consoante o enfoque do momento e segundo os trajetos construídos em cada experiência de leitura.

Foi precisamente Bakhtin quem evidenciou as múltiplas relações dialógicas entre textos, entendendo a textualidade como um intercâmbio discursivo, um tecido polifónico formado por vozes e por uma mestiçagem de sentidos. Uma rede de vozes e memórias, que Julia Kristeva denominou ‘intertextualidade’, concretizando que o texto não é uma entidade autossuficiente, antes resulta de uma interação semiótica de vários outros enunciados. A conhecida metáfora do palimpsesto, utilizada por Gérard Genette, é bem sugestiva quanto à possibilidade de descobrirmos, sob um texto, inscrições anteriores, ressonâncias de outros mais antigos. Um texto constitui-se, assim, como uma “câmara de ecos”, para utilizar a imagem barthesiana, porque “as palavras têm uma memória segunda que se prolonga misteriosamente no meio das novas significações.” (BARTHES, 1970, p. 22).

Como escreveu Fernando Pessoa, pela mão do seu heterónimo Ricardo Reis, “deve haver, no mais pequeno poema de um poeta, qualquer coisa por onde se note que existiu Homero.” (PESSOA, 1996, p. 390). Esta constatação representa a tomada de consciência de que a cultura é um texto plural, construído também ele em rede, que se vai enriquecendo progressivamente pela sobreposição de camadas de sentido, qual palimpsesto. A perda da capacidade de imergir nesta espessura, reconhecendo os vestígios do passado ancestral, conduzirá, necessariamente, a leituras redutoras e sem referência. Porque, afinal, como já se sugeriu, a cultura é uma mega rede de relações, diálogos e discursos, cujo domínio e capacidade polifónica constroem melhores cidadãos, melhores seres humanos.

Partindo, pois, dos pressupostos enunciados por Gérard Genette, em *Palimpsestes. La littérature au second degré*, entre outros, os ensaios que compõem o volume 3, n.º 26 da revista REVELL avaliam a pluralidade de aplicações e de formas do conceito de intertextualidade, do Post-Modernismo ao Hipercontemporâneo, desviando-se de e, por vezes, implodindo práticas tradicionais.

No que toca à composição das entidades que povoam os universos ficcionais, ao seu corpo e à sua *alma*, por exemplo (e, por extensão, no que respeita a ambientes físicos e/ou sociais), as estratégias intertextuais postas em cena, interartísticas ou não, transformam-nas em figuras flutuantes e líquidas, quase fantasmas, de corpo e de rosto indistintos, ao contrário do que, em regra, sucede no romance tradicional, em que estas (e os ambientes em que circulam) são sujeitas a uma caracterização linear, completa, acabada, porque feita a partir de listas mais ou menos extensas. Deste modo, fazendo apelo às competências culturais de quem lê – ou, se quisermos, aos modelos mentais do leitor, como escreveu Uri Margolin (2005) – e exigindo, por isso, uma participação mais ativa na decifração progressiva do retrato da personagem, o procedimento que, cada vez mais, é posto em jogo é, então, a intertextualidade,

por vezes uma intertextualidade *desviada*, ou uma intertextualidade de sentido(s) alargado(s). Esta, abrindo-se a uma dinâmica de relação entre o texto e o *real* a que se reporta, ou entre a palavra e outras formas de manifestação artísticas, dá origem ao que, para Laurent Jenny (1979 [1976], p. 21), consubstancia “um novo modo de leitura que faz estalar a linearidade do texto”.

No que se refere a investigações mais recentes, não podemos deixar de considerar a importância dos estudos de Brian Richardson, em *Unnatural Voices. Extreme Narration in Modern and Contemporary Fiction* (2006); de Jens Eder, Fotis Jannadis, Ralf Schneider, em *Characters in Fictional Worlds. Understanding Imaginary Beings in Literature, Film and Other Media* (2010); de Jan Alber e Rüdiger Heinze, em *Unnatural Narratives – Unnatural Narratology* (2011); ou de Jan Alber, em *Unnatural Narrative. Impossible Worlds in Fiction and Drama* (2016).

Este número, que reúne contributos de autores de diferentes geografias e filiações académicas, está organizado em quatro partes: i) *Intertextualidades e Transgressão*, que acolhe nove artigos que abordam os diálogos intertextuais à luz da carnavalização e da subversão da cultura; ii) *Intertextualidade(s) e Mundos possíveis*, que apresenta sete estudos sobre o poder do diálogo intertextual no domínio da ficção narrativa; iii) *Intertextualidades Interartísticas*, com cinco textos que, na linha da narratologia transmediática e dos estudos interartes, revelam as potencialidades do diálogo entre narrativas artísticas de formas de expressão diferenciadas; e iv) *Intertextualidade(s) e Figuração de Personagem*, com quatro artigos sobre figuração e sobrevida de personagens, tocando aspetos como a metalepse, a prototipia e a capacidade de representação humana revelada pelas figuras ficcionais da literatura ocidental.

REFERÊNCIAS

ALBER, Jan Alber e HEINZE, Rüdiger, *Unnatural Narratives – Unnatural Narratology*. Berlin/New York: De Gruyter, 2011.

ALBER, Jan Alber, *Unnatural narrative. Impossible worlds in fiction and drama*. Lincoln, Nebraska: University of Nebraska Press, 2016.

BAKHTIN, Mikhail. *Rabelais and His World*. Trans. Hélène Iswolsky. Bloomington: Indiana University Press, 1984.

BARTHES, Roland. *S/Z*. Paris: Seuil, 1970.

BARTHES, Roland. *O Prazer do Texto*. Lisboa: Edições 70, 1997.

COMPAGNON, Antoine. *O trabalho da citação*. Trad. Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

EDER, Jens.; JANNADIS, Fotis. e SCHNEIDER, Ralf. *Characters in Fictional Worlds. Understanding Imaginary Beings in Literature, Film and Other Media*. Berlin/New York: De Gruyter, 2010

FURTADO, José Afonso. *Os Livros e as Leituras – Novas Ecologias da Informação*. Lisboa: Livros e Leituras, 2000.

GENETTE, Gerard. *Palimpsestes. La littérature au second degré*. Paris: Seuil, 1982.

JENNY, Laurent. “A estratégia da forma”. *Poétique* (Intertextualidades, trad. Rocha, Clara Crabée), nº 27, Coimbra, 1979 (1976).

KRISTEVA, Julia. *Recherches pour une sémanalyse*. Paris: Seuil, 1969.

PESSOA, Fernando. *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*. (Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho). Lisboa: Ática, 1996.

RICHARDSON, Brian. *Unnatural Voices. Extreme Narration in Modern and Contemporary Fiction*. Columbus, Ohio: The Ohio State University Press, 2006.